



Entre o didático e a autorreferência: uma análise das narrativas em Profissão Repórter

Letícia Paola Beilfuss¹
Nathalia Nolibos da Costa²
Sara Alves Feitosa³

Resumo:

Este artigo tem como objetivo analisar o programa Profissão Repórter tendo como foco as construções de suas narrativas. Ao todo, foram observados 16 episódios do programa, desde a sua estreia até o ano de 2015, entretanto, dois foram analisados de uma maneira mais ampla. O episódio “Tragédia em Santa Catarina”, exibido em 02 de dezembro de 2008 e o “Mediunidade”, que foi ao ar no dia 7 de março de 2015. Através de bibliografias específicas do telejornalismo que se voltam para analisar as mudanças que ocorrem na linguagem e nos modos de fazer jornalismo para TV e da necessidade de observar o processo em curso, justificamos esta análise. Destacamos da análise realizada o papel didático do “editor chefe” e a autorreferência enfatizada desde o slogan do PR, na inserção do repórter na narrativa e na exibição do que a instância produtora denomina de bastidores.

Palavras-chave: telejornalismo; bastidores; grande reportagem; autorreferencialidade;

1. Introdução

Ao informar, o profissional Jornalista deve responder a seis perguntas para que o receptor compreenda o discurso. A partir das perguntas: o que, quem, quando, onde, como e por que, a narrativa deve responder estas perguntas, de modo que fique claro para o telespectador. Mas o texto para TV tem suas especificidades, como observa Cruz Neto (2008) deve-se sempre lembrar que este será acompanhado de imagens. As imagens, como observa o autor, “por si sós, já trazem significação e o texto não deve, de

¹ Autora do trabalho. Acadêmica do oitavo semestre do Curso de Jornalismo na Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. E-mail: leticiapbeilfuss@gmail.com

² Autora do trabalho. Acadêmica do oitavo semestre do Curso de Jornalismo na Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. E-mail: nathinolibos@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora nos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas na Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. E-mail: sarafeitos99@hotmail.com

maneira nenhuma, descrever o que a imagem já mostra, mas deve explicá-la” (CRUZ NETO, 2008, p. 49).

Conforme Carvalho, “a televisão faz parte da vida da maioria das pessoas e associa dois importantes sentidos para a comunicação humana: a visão e a audição” (CARVALHO, 2010, p. 127), desta forma, ao fazer telejornalismo a comprovação do que é dito ou narrado é feita pelo próprio telespectador. No programa Profissão Repórter (PR) observamos uma estratégia de autorreferencialidade que se dá pelo modo em que o repórter está inserido na narrativa, não só descrevendo a história, mas fazendo parte dela.

Este artigo tem como objetivo destacar as características jornalísticas televisivas do programa Profissão Repórter (PR) a partir das teorias apresentadas em aula e no grupo de pesquisa, bem como, observar as diferenças do modo como o programa constrói narrativas em grande reportagem.

Na graduação são estudadas normas e padrões há serem seguidos no Jornalismo. Planos para imagens, *LEAD* para texto, regras para a locução, entre outras. Especificamente no telejornalismo tudo isso é estudado para uma plataforma só. O texto deve “casar” com a imagem, que deve estar dentro de alguns dos planos (geral, médio, americano, *close*, *big close* e detalhe) (CRUZ NETO, 2008, p 74), sendo assim, dando a abordagem necessária a pauta. Esta abordagem estará interligada com a interpretação do repórter sobre a notícia, no qual, a voz e o corpo do repórter ajudam neste processo.

Nos livros⁴, os autores explicam que a reportagem começa a ser produzida antes de o repórter ir a campo. Na própria redação, o profissional já entra em contato com a pauta. Antes de gravar o repórter estuda, pesquisa, cria, elabora e marca as entrevistas com as fontes. Neste momento também é decidido o foco que a reportagem vai dar para o assunto. Feito isso, uma equipe (repórter, cinegrafista e auxiliar) saem para a execução

⁴ BARBEIRO, Paulo Rodolfo de Lima e Heródoto. **Manual de telejornalismo – os segredos da notícia na tv**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

RIBEIRO; Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (orgs). **História do telejornalismo no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010.

YORK, Ivor. **Telejornalismo**. São Paulo: Roca, 2007

BITTENCOURT, Luís Carlos. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

CURADO, Olga. **A notícia na tv**. São Paulo: Alegro, 2002.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

do trabalho. Neste momento são gravadas as entrevistas já agendadas e também a passagem (momento em que o repórter aparece na tela). A passagem deve ser realizada com perfeição. O repórter deve estar sobre um dos planos já ditos aqui, com a voz clara, com boa articulação e postura corporal. O repórter também deve estar vestido de forma que a roupa não chame mais atenção que a matéria e levando em consideração a imagem, no enquadramento não devem haver detalhes no fundo que chamem mais a atenção do que o próprio repórter. Após a abordagem, o repórter produz o texto que vai ser utilizado no *off* (texto lido pelo repórter e coberto por imagens) e o grava. O material é editado pelo editor de imagem, que corrige iluminação, realiza os cortes das sonoras (entrevistas), imagens e passagem.

Quem assiste o PR percebe que há uma diferença na produção dele quanto aos telejornais diários, além de matérias mais complexas e maiores é notável que, muitas vezes, o programa não segue as normas apresentadas aqui, diferentemente no telejornal convencional. Na televisão podemos observar, tanto diariamente, quanto aos programas semanais que as reportagens são realizadas com uma passagem do repórter, três sonora e *offs*. No PR a proposta é mostrar o processo de produção das reportagens, incluindo a busca das fontes. Geralmente os repórteres aparecem indo até a fonte para entrevistá-la, sem corte na imagem. Vai a campo sozinho, fazendo-se repórter e cinegrafista ao mesmo tempo e não possui regras para enquadramento de imagens. Além disso, os repórteres do programa precisam saber como construir todo o processo televisivo, desde o tratamento com as fontes até a edição final de suas reportagens. O propósito do PR é de mostrar todo esse processo da construção da reportagem, que acabamos de explicar e não só o produto pronto como estamos acostumados a ver nos telejornais diários. Entretanto, isso não afeta na produção de suas reportagens, bem como, no modo de transmitir isso ao telespectador, que acaba fazendo parte da narrativa.

Para este artigo, foram analisados 16 episódios, dois de cada temporada do programa, entretanto, destacamos: Tragédia em Santa Catarina⁵, exibido no dia 2 de Dezembro de 2008, da primeira temporada, e, Mediunidade⁶, que foi ao ar no dia 7 de Março de 2015, da penúltima temporada.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wHOOYHnACKE>

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JJHBPelaN5o>

Além da introdução, o artigo apresenta um histórico do programa e aponta de modo inicial algumas características do Profissão Repórter. Em seguida fazemos uma discussão sobre as características da grande reportagem e seu caráter investigativo, para por fim apresentar a análise dos dois episódios já mencionados de Profissão Repórter.

2. O profissão repórter

De acordo com o site da Memória Globo⁷, a primeira visão de Caco Barcellos em relação ao programa surgiu na década de 1990. Com o objetivo de contar uma história sob diversos ângulos, o jornalista pensou em reunir colegas da profissão, no entanto recém formados.

A ideia foi colocada em prática em 2006⁸, como um quadro do programa Fantástico, exibido aos domingos. Entretanto, antes disso a iniciativa já tinha sido experimentada em abril do mesmo ano no Globo Repórter, programa exibido nas noites de sexta-feira. Durante um ano, no Fantástico, foram exibidos quatro especiais do programa.

Em junho de 2008 a experimentação ganhou seu próprio espaço. O programa passou a ser exibido nas noites de terças-feiras, permanecendo assim até 2015. Atualmente, o Profissão Repórter é exibido nas quartas-feiras, depois do futebol, às 23h30 com duração que varia entre 25 e 40 minutos.

De 2006 a 2015, foram 272 edições. Durante suas oito temporadas ocorreram mudanças, tanto na equipe quanto no modo de fazer. Na estreia, o programa contava com oito repórteres e quatro repórteres cinematográficos. Em 2016 são 13 profissionais que ocupam o papel de repórter e cinegrafista. Este modo de fazer jornalístico está inserido no programa desde 2012, quando os repórteres começaram a trabalhar com o formato de vídeoreportagem, ou seja, o repórter faz um duplo papel, onde ele é repórter e cinegrafista ao mesmo tempo.

As temáticas são atemporais, entretanto, algumas edições tratam de pautas que estão na agenda pública factual do Brasil e do mundo, como por exemplo, as duas edições de

⁷ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/profissao-reporter/curiosidades.htm>

⁸ Em 2016, o programa completa 10 anos. Seus idealizadores contam a partir da exibição no Fantástico, por isso, foi produzido um DVD e um livro sobre o programa este ano.

dezembro de 2008, voltadas à tragédia causada pelas chuvas em Santa Catarina e a edição de outubro de 2009 quando o programa gravou a sua primeira reportagem internacional, sendo esta sobre o “Terremoto na Indonésia”⁹.

O PR é conhecido por ter uma proposta jornalística diferente do telejornalismo convencional, como por exemplo, o repórter nas matérias não atua apenas para narrar à história, mas também faz parte dela. Condição evidenciada nas edições “Na hora do Parto”¹⁰ de 2014 e “Mediunidade” de 2015, nas quais os repórteres vivenciam o que relatam pela primeira vez e se emocionam. Outro traço que diferencia as narrativas de PR é característica do programa expressa no slogan “Os bastidores da notícia. Os desafios da reportagem”, em que, durante a reportagem, os repórteres vão atrás de suas fontes, conversam com o editor-chefe, Caco Barcellos, sobre a produção, ou seja, não é mostrado apenas o “pronto” da matéria, mas sim também o processo.

3. O Telejornalismo de grande reportagem

Desde o princípio a proposta do Profissão Repórter era de fazer algo diferente do habitual. O programa é caracterizado por possuir um tema por edição, desta forma este tema é abordado por ângulos diferentes durante o episódio. Na maioria das vezes, há três perspectivas distintas, narradas por repórteres diferentes e, geralmente, cidades, estados ou até países diferentes. Isso, além de caracterizar o programa, é característica de uma grande reportagem.

Por exigir mais dedicação e tempo do repórter, a grande reportagem é utilizada em programas específicos ou em especiais, exibidos dentro de um determinado programa, conforme complementa Kotscho:

E há cada vez menos repórteres dispostos a encarar o desafio de entrar de cabeça num assunto, esquecer tudo o mais para, no fim, ter o prazer de contar uma boa história. A grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia – e, por isso mesmo, é o mais fascinante reducto do Jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício. (KOTSCHO, 2005, p. 71)

⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1141188/>

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qPSZsvcOYZw>

Portanto, na construção da narrativa de uma grande reportagem, o repórter não é apenas o mediador, bem como, visto nas notícias nos jornais diários, mas ele pode vir a ser o centro deste processo, sendo testemunha e até mesmo personagem da sua própria reportagem.

Nas edições do PR é notório que o repórter não se preocupa em fazer a passagem convencional, essa realizada em plano americano, com o repórter olhando para a câmera, de um modo que o afasta do que está vivenciado. No PR o próprio repórter utilizando a câmera, está sendo os olhos do telespectador e testemunha do fato, juntamente com o repórter, o grande personagem das edições, que muitas vezes relata as suas sensações para quem o assiste, portanto, o repórter não é apenas o que presencia o fato e o telespectador não é apenas o que recebe, mas

além de testemunha do dito, o interlocutor é convidado a se posicionar como cúmplice daquilo que está sendo vivido pelo repórter no processo de transmissão direta do programa, o que constrói simbolicamente um mesmo *aqui e agora* para os sujeitos comunicativos. (GUTMANN, 2014, p 115)

Esse tipo de construção imagética em que o narrador e o “olhar da câmera” se sobrepõem e apresentam um ponto de vista é típica da ficção cinematográfica e televisiva, sendo caracterizado na literatura como “olhar no lugar”. De acordo com Laurent Jullier e Michel Marie (2009, p. 22-23), “o lugar onde se encontra a testemunha de uma cena com frequência condiciona a leitura que ela fará da cena”. Para os autores, encontrar-se em um local significa receber as informações sob certo ângulo e não sob outro, há nesse ato uma seleção de informações das quais dependerá o julgamento. Nesse tipo de construção imagética o espectador é colocado a “ver” através do olhar de um personagem, no caso de Profissão Repórter através do olhar do repórter. Deste modo há uma intenção de interação do repórter com o espectador, tornando quem assiste parte da reportagem.

3.1 Grande reportagem: a investigação

Quando se trata de Jornalismo, a investigação começa desde o momento em que a pauta é decidida. A apuração, a busca pelas fontes e a verificação dos fatos, por si só, já se trata de investigação, entretanto, o termo investigação “[...] vai além do relato dos fatos e revela algo até então escondido” (CARVALHO, 2010, p. 78).

No PR, por mais simples que sejam as temáticas, as reportagens possuem um olhar investigativo, que vai além do que sempre foi mostrado, ou seja, o tema não precisa ser inédito, entretanto, o viés sim. O olhar diferenciado, com um ângulo diferente do comum, chama a atenção de quem o assiste. Deste modo, o repórter passa por situações e frequenta locais ainda não relatados, conforme explica Carvalho

É uma tarefa arriscada, semelhante ao ofício de um investigador, no sentido de levantamento e informações. Parte do trabalho é como um serviço de inteligência, ou seja, o cruzamento de dados. A outra parte é a constatação. Para isso, muitas vezes o jornalista se infiltra em locais extremamente perigosos e se envolve com pessoas à margem da lei (CARVALHO, 2010, p.78).

Exemplo disso é o episódio denominado “Prisões¹¹”, exibido no dia 18 de agosto de 2009. Nesta edição o repórter Felipe Gutierrez entra no presídio semiaberto mais lotado do estado do Rio Grande do Sul, o “Pio Buck”, que faz parte do mesmo complexo do Presídio Central de Porto Alegre. Um dos presos faz o papel de guia da equipe, mas antes de entrar o repórter precisa ter uma conversa com um preso considerado o chefe daquele pavilhão que conta com 187 presos. Felipe mostrou como é dentro do presídio superlotado, as condições de higiene e segurança e o que os presos fazem para se manter lá dentro. Durante a gravação um funcionário avisa a equipe que a Direção queria falar com eles. O repórter afirma que a direção sabia que eles iriam acompanhar o trabalho da pastoral carcerária, mas a Direção informa que a equipe acabou indo longe de mais:

[Loc diálogo direção do Presídio com repórter]: “Vocês estavam correndo um risco que vocês não tem noção. Graças a Deus, tudo se contornou. Só assim, pelo amor de Deus. Não repitam uma coisa dessas. Tu já imaginou se eles pegam vocês lá em cima? O que que eu vou explicar ao secretário? Que vocês estavam dentro do alojamento dos albergados?”.

¹¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1106799/>

Como já citado, a pauta não é diferente do que é visto no telejornal diário. Muitas vezes, no jornalismo diário, as matérias mostram apenas um lado da moeda, ou seja, entrevistando apenas fontes oficiais e não as oficiosas que são os principais atingidos na história. Por exemplo, quando um presídio está lotado, a mídia tem como costume entrevistar o Governo, secretário de segurança e as chefias das penitenciárias, e não os presos como o enfoque da matéria.

4. Dos episódios em análise

Como já dito, para este artigo foram observados 16 episódios, entre 2008 a 2015. Entretanto, foram escolhidos dois deles para a análise. A escolha do episódio “Tragédia em Santa Catarina”, exibida no dia 2 de dezembro de 2008, além de ser um dos episódios da primeira temporada, se deu em razão de que, segundo o site Memória Globo, este foi o episódio que teve maior repercussão na temporada.

Para a 25ª reportagem do ano de 2008, foram duas equipes de repórteres, Thaís Itaqui e Makael Fox, Nathalia Fernandes e Caio Cavechine, além de Caco Barcellos, mostrando diferentes pontos de Santa Catarina, o resgate da força área brasileira em pontos isolados, o drama das famílias que perderam tudo, ruas interditadas em razão dos deslizamentos e o pior de tudo, pessoas que perderam os familiares embaixo dos escombros.

As cenas de destruição são chocantes, por várias vezes a repórter Thaís Itaqui comenta que nunca tinha visto nada igual: “Isso aqui é a coisa mais impressionante que eu já vi na minha vida”, enquanto mostra um supermercado sendo saqueado pelas pessoas que perderam tudo. As imagens impressionam o telespectador, e o comentário do repórter que testemunha o acontecimento reforça a “impressão de choque”. Essas imagens e a narrativa dos repórteres transmitem várias sensações aos telespectadores, fazendo ele parte da narrativa.

Desse modo, chamamos a atenção para o fato de não ser comum vermos os repórteres se envolverem com as narrativas que tecem a ponto de dar ênfase às suas emoções e impressões, pois até certo tempo não era algo possível no jornalismo, mas que vem mudando. Segundo Guirado, não tem como “cobrir um massacre, uma guerra, um desfile de carnaval, uma corrida de Fórmula 1 ou uma decisão de um campeonato de futebol,

sem sentir qualquer emoção [...]” (GUIRADADO, 2004, p. 83). São temáticas que mexem com os sentimentos das pessoas e em vários episódios vemos que os repórteres são levados pela emoção, pois foram cerca de 150 pessoas mortas em razão das enxurradas e deslizamentos e 80 mil pessoas desabrigadas. Durante um momento a repórter Thaís Itaquí pede para que o cinegrafista pare um segundo de gravar.

Outro ponto que é relevante destacar é como o repórter se coloca dentro da narrativa, eles acompanham todo o processo, fazendo parte daquela história, como já explicamos neste artigo. Neste episódio, das chuvas em Santa Catarina, Caco Barcellos é o único que apresenta a passagem convencional¹², Barcellos acompanha a equipe de resgate, segue pelas ruas alagadas em um barco enquanto vai conversando e entrevistando as pessoas que estão com suas casas embaixo da água. Já as repórteres Thaís Itaquí e Nathalia Fernandes presenciam o acontecimento, enquanto caminham e vão narrando os fatos, fazendo o telespectador parte da narrativa. Sendo assim, os repórteres fazem o papel de “Sujeito Enunciador”, atuando como o “eu” na narrativa, que segundo Juliana Gutmann é aquele repórter que tem uma “postura próxima em relação ao interlocutor. Repórter se inclui na ação narrada, torna-se personagem do relato e dialoga de modo explícito com o espectador” (GUTMANN, 2014, p.118). Nessa situação o espectador faz o papel de “Sujeito Enunciatário”, pois “testemunha o fato narrado na posição de cúmplice, o que implica maior interação com o repórter [...]”. (GUTMANN, 2014, p.118).

Durante esses três momentos distintos em cidades diferentes de Santa Catarina (Ilhota, Itajaí e Blumenau), podemos observar que Caco, Thaís e Nathalia não foram fazer a reportagem com roteiros prontos e com pessoas certas que dariam entrevistas, como os profissionais jornalistas estão acostumados a fazer. É somente quando chegam ao local da reportagem, mostrando o estado que estava a cidade que vão conhecendo as pessoas e contando suas histórias. Esse é mais um diferencial do Profissão Repórter, muitas vezes eles encontram as fontes com boas histórias para contar quando já estão nos locais das reportagens. Obviamente isso não significa dizer que não há uma pré-produção, pesquisa e fontes previamente contatadas, mas no caso específico da cobertu-

¹² O repórter olhando para a câmera, esta enquadrada em plano americano, e explicando algo que o telespectador pode comprovar por estar na imagem ao redor do repórter.

ra das cheias em Santa Catarina o “acaso”, elemento mais presente na constituição das narrativas de documentaristas como Eduardo Coutinho¹³, parece ter sido usado nas narrativas apresentadas por Profissão Repórter. Assim, identifica-se mais um elemento distintivo das narrativas do programa.

A segunda edição que escolhemos para analisar foi exibida no dia 07 de Março de 2015 que retrata a “Mediunidade¹⁴”. O episódio tem duração de 35 minutos. Nela, quatro repórteres percorrem três estados diferentes.

Primeiramente os repórteres Valéria Almeida e Estevan Muniz aparecem na edição, abrindo o programa, abordando a psicografia. Já de início, Estevan relata: “prefiro fazer reportagens mais factuais ou matérias, pelo menos”. Os dois seguem em uma excursão que sai do Rio de Janeiro e vai para a cidade de Lorena, em São Paulo, com familiares que vão em busca de uma carta do seu ente querido que faleceu.

Em Lorena, os dois repórteres se emocionam. Era a primeira vez deles neste tipo de ritual. Em meio à isso, na edição, aparece o jornalista e editor chefe do programa, Caco Barcellos, em uma sala de edição, conversando com os estagiários sobre o cuidado que devem ter na hora de produzir conteúdo com esta temática.

Através deste viés é visível a emoção trazida pelos repórteres, desde a apuração dos fatos, das imagens escolhidas e colocadas na matéria e da conversa com o editor Caco. Este acontecimento da construção da narrativa vai ao encontro do sentido de autorreferencialidade: a atorização, discutida por Fausto Neto (2011). Neste tipo de construção discursiva, “os meios de comunicação não são somente dispositivos de um “real”, que copiam mais ou menos corretamente, mas sim dispositivos de produção de sentido” (VERÓN, 2001, p. 14-15). No caso do trecho apontado do episódio de Profissão Repórter é possível verificar que o repórter e o modo como o mesmo se envolve com o relato o coloca numa condição de “experimentar” o acontecimento narrado, resultando em uma mudança de função do repórter que passa de mediador para testemunha.

¹³ O cineasta Eduardo Coutinho é um exemplo de uso do acaso como dispositivo para a produção das suas narrativas documentais. Sobre o tema ver: LINS, C.; MESQUITA, C. O fim e o princípio: entre o mundo e a cena. In: Novos Estudos CEBRAP, nº 99, São Paulo, 2014; ARAUJO, I.; COUTO, J. G. A cultura do transe. In: OHATA, M. (org.), Eduardo Coutinho. São Paulo: Cosac Naify, 2013. Pp 231-236.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JJHBPelaN5o>

Em Abadiânia, Goiás, Thiago Jock, retrata a cirurgia espiritual, que, neste caso, é realizada pelo *Médium* João de Deus. Na produção, o profissional cumpre com dois papéis: reportagem e cinegrafia. Neste enfoque, o programa mostra aos telespectadores a dificuldade do repórter em conseguir entrevistar o personagem principal.

Após dias esperando um momento com o *médium*, o repórter consegue um horário. Na ocasião, apenas três perguntas foram realizadas pelo repórter ao entrevistado e que, segundo Caco Barcellos, não foram as perguntas certas. Diante disso, Caco indaga Thiago e chama sua atenção, dizendo que as perguntas foram redundantes. Então, o repórter confessa que o *médium* falou coisas a ele sobre a sua família e isso o abalou. Nesta circunstância temos um exemplo de atorização, na qual

Diz respeito ao papel exercido pelo repórter ou apresentador na narrativa jornalística, em que se evidencia a sua condição de testemunha e agente fundamental do que se narra e que gera afetação no próprio estatuto do acontecimento jornalístico. De mediador, o jornalista passa a ser a referência da informação e serve como base para as práticas discursivas (PICCIANIN E SGORLA, 2015, p. 281)

Desse modo, neste momento, o repórter entra na reportagem como personagem, onde a vida dele é colocada em perspectiva, fazendo com que o profissional confunda-se com o pessoal.

“Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem”, slogan do programa, é confirmado a cada edição. Neste episódio, tivemos exemplos de repórteres em busca de fontes e que, muitas vezes, não obtiveram sucesso. Exemplo disso é a repórter Eliane Scardovelli, responsável por entrevistar *médiuns*, a repórter que estava em São Paulo, não teve muita sorte nos contatos que fez. Ela aparece, durante o programa, conversando com o editor, para obter outro viés. Finalmente ela consegue uma entrevista. Na ocasião, o *médium* incorpora um médico morto na Primeira Guerra Mundial, diante disso a repórter o entrevista e acompanha o seu trabalho: cirurgias não convencionais.

É notório a preocupação de Caco Barcellos diante do tema mediunidade. O fato dele estar na sala de edições conversando com os repórteres não é comum. Este recurso não é usado em todos os programas. E assim como observam Piccinin e Sgorla (2015) ao analisarem o Jornal Nacional, em Profissão Repórter o “desvelamento” dos processo

de produção da notícia ou o que era considerado da ordem dos bastidores passa a fazer parte do conteúdo exibido. Como concluem as autoras, o mostrar o processo de construção noticiosa “é uma atitude autorreferencial (...) chama o telespectador para lhe dizer destes dramas reais, pretendendo estar muito próximos da ‘verdade’ em si vivida pela equipe [do programa]” (PICCININ; SGORLA, 20015, p. 289). É desse artifício que também emerge elementos que irão dar credibilidade ao relato apresentado.

5. Considerações finais

O jornalismo vive em constate mudança. As tecnologias, o modo de fazer e a interação com o receptor mudou o processo de produção jornalístico. No Profissão Repórter é notável o uso das tecnologias para construir a narrativa, como, por exemplo, o uso dos efeitos nas edições de vídeo, recursos gráficos e a utilização da câmera *GoPro*, por exemplo.

Outro diferencial é o modo de fazer. A preocupação com os procedimentos da reportagem (enquadramento, tempo de sonora, linguagem e emoção) deram espaço para a abordagem em si, sendo esta realizada com um enfoque mais amplo, entretanto, menos formal. Além disso, observamos uma preocupação didática dupla: uma, que se refere às orientações de procedimentos que devem ser adotados pelo repórteres estagiários; outra, que se refere a explicitar ao telespectador parte do processo de construção das narrativas jornalísticas, que, como intencionamos mostrar, resulta em autorreferencialidade atribuindo credibilidade ao discurso exibido.

A interação com o público está relacionada com a tecnologia utilizada no processo de produção desde a pauta. Exemplo disto, é a segunda temporada, quando, segundo o site Memória Globo, em agosto de 2009, o Profissão Repórter fez uma campanha para encontrar boas histórias para realizar um programa especial na internet. A interação foi feita através do blog e do twitter do programa. Outro exemplo de interação aconteceu em outubro do mesmo ano, após a exibição de um programa sobre cavalos, os internautas enviaram tantas fotos para a sessão “VC no Profissão Repórter” que foi necessário criar uma galeria especial. Fora isso, em todas as edições, no encerramento do programa o jornalista Caco Barcellos convida os telespectadores para acessar a página do Profis-

são Repórter, lá o usuário pode assistir outros episódios, bem como, comentá-las, sugerir pautas, enviar conteúdos (foto e vídeo) que podem ser divulgadas, tanto no site, quanto na Rede Globo. Entretanto, ressaltamos que a maior interação entre o programa e o telespectador se dá na maneira como as histórias são contadas. Histórias não só das fontes, mas também a história por trás da reportagem.

Diante disso, através da análise, buscamos evidenciar que o uso da emoção do repórter como “Sujeito Enunciador” e de mostrar o fazer jornalístico vem desde a estreia do programa. As duas edições analisadas tiveram como pauta temas marcantes, sendo tratados de uma maneira cuidadosa. O episódio Mediunidade foi marcado pelo encontro do Caco Barcellos com os quatro repórteres, que realizaram a matéria. Durante a análise notou-se que este encontro não acontece em todas as edições e evidencia o papel pedagógico pretendido pela presença do personagem “editor chefe”. A análise aqui apresentada é fruto de uma pesquisa em andamento que busca identificar as expressões de experimentação e inovação no fazer jornalismo audiovisual e aponta para uma aproximação entre o fazer jornalístico para TV e formas mais típicas da ficção como o uso do “olhar com”, típica do cinema como apresentado no artigo.

Referências

- BARBEIRO, Paulo Rodolfo de Lima e Heródoto. **Manual de telejornalismo – os segredos da notícia na tv**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BITTENCOURT, Luís Carlos. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- CARVALHO, Alexandre. **Reportagem na TV: Como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CURADO, Olga. **A notícia na tv**. São Paulo: Alegro, 2002.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Transformações nos discursos jornalísticos: A atorização do acontecimento**. In: SBPJOR. 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2011, Rio de Janeiro.
- GUIRADO, Maria Cecília. **Reportagem: a arte da investigação**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

GUTMANN, J.F. **Entre técnicas e ritualidades**: formas contemporâneas de formatação da notícia na televisão. São Paulo: Galaxia, p. 108-120, 2014.

JULLIER, L; MARIE, M. Lendo as imagens do cinema. São Paulo: Editora Senac, 2009.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2005.

LINS, C.; MESQUITA, C. O fim e o princípio: entre o mundo e a cena. In: Novos Estudos CEBRAP, nº 99, São Paulo, 2014. Disponível em <http://ref.scielo.org/7wph4v> , acesso em 22/03/2016.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PICCININ, Fabiana; SGORLA, Fabiane. “**Veja como fiz e como faço**” – bastidores autênticos o real no Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão. In: Telejornal e Praça Pública: 65 anos de telejornalismo. Florianópolis: Insular, 2015.

RIBEIRO; Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (orgs). **História do telejornalismo no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010.

VERÓN, Eliseo. **El Cuerpo de las Imagenes**. Buenos Aires: Norma, 2001.

YORK, Ivor. **Telejornalismo**. São Paulo: Roca, 2007.